

POR QUE ESCREVO?

Angela Melim

Por que eu escrevo? Uma pergunta que já é difícil de responder fica ainda mais difícil de responder num momento de seca, ou de trégua, um momento em branco, quando um escritor não escreve.

Por que não escreve? Estará se reabastecendo? Voltará um dia a escrever? Para o meu caso – de quem escreve principalmente poesia – cabe um comentário de W. H. Auden, na aula inaugural que deu em Oxford, quando convidado para “professar” poesia¹.

“Aos olhos dos outros, um homem é poeta se escreveu um bom poema. A seus próprios, só é poeta no momento em que faz a última revisão de um novo poema. Um momento antes, era apenas um poeta em potencial, um momento depois, é um homem que parou de escrever poesia, talvez para sempre.”

Acredito piamente em que podemos trocar, sem quaisquer perdas, a palavra “homem” – todas as vezes em que ela aparece – pela palavra “mulher”.

Pouco antes, quando Auden fala da emoção do primeiro poema que o iniciante pode enfim considerar seu, ele diz:

“Um momento depois vem o pensamento: ‘acontecerá outra vez?’ Qualquer que seja o rumo de sua vida como assalariado, cidadão, pai de família, até o fim de seus dias, sua vida de poeta não poderá ser programada.”

¹ Fazer, saber e julgar, W.H. Auden, Ed. Noa Noa, Florianópolis, 1981.

Graças a Deus! – interrompo, esclarecendo esse Deus no sentido o mais figurado possível, por isso a maiúscula. Aí está a felicidade da poesia.

E termino a citação:

“Nunca poderá dizer: amanhã escreverei um poema e, graças a meu treino e experiência, já sei que farei um bom trabalho.”

Transcrevo porque nesse texto surge clara a obscura condição dos motivos da poesia. Talvez na prosa, no ensaio, na crônica mesmo, haja motivação mais detectável – narrar, descrever, relatar, historiar, lembrar, registrar, provar, testemunhar e muitos verbos mais.

A poesia também pode conjugá-los todos, mas guarda ou revela sempre uma outra dimensão, uma coisa a mais, ou além, algo que não prescinde do “indefinível na definição”, no dizer de Auden.

Talvez escrevamos poesia obcecados por nomear o que ainda não tem nome. Trazer do que não faz ainda parte da existência – ou pelo menos dos nossos anais e registros, dos nossos aparatos de detecção – uma possibilidade.

Nas entressafras da escrita, Clarice Lispector sentia que estava morta². Depois emergia outro conto, outra novela, nova peça de um gênero híbrido, hesitante, talvez prosa, talvez poesia – e com ela, através dela, Clarice voltava à vida. Arrancava de algum ponto ou lugar aqueles pensamentos, aqueles encadeamentos, aquelas justaposições, Tateando relações, formatos, experimentando o nome das vivências ou probabilidades, fazendo a ligação explosiva, o engate.

Nada mais é natural no homem e na mulher. Todos os processos, incluindo os fisiológicos, recebem influência dos conceitos e marcas da civilização, do conhecimento das formas como este se desenvolveu. É como se a poesia incorporasse a quintessência, o extrato de cada patamar de cultura – levando adiante, amplificando a área da experiência e da cognição.

“Sentir o que se sente é para se poder fazer o que se faz” – disse Katherine Mansfield.

Penso que, quando escrevo, investigo e se, como um cientista - um astrônomo do espaço profundo, um geólogo, um gramático – me deparo com um sol, nova estrela ou partícula, quero mostrar o que achei. É como se o meu intuito fosse conhecer e iluminar.

Toda essa conversa bonita, porém, existe apenas num dos incontáveis planos possíveis. Outro desses muitos planos, mas que considero vital

² Entrevista filmada pouco antes de sua morte.

para qualquer resposta a qualquer pergunta, está bem expresso, a meu ver, no depoimento de um músico brasileiro que voltou a nosso país, depois de três anos de estudo no Instituto Superior de Arte em Havana, indignado com a difusão pela nossa mídia da idéia de que em Cuba não existiria “liberdade de expressão”³.

“O Brasil atualmente, segundo dados de 2008 divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, possui 10,0% (cerca de 19,1 milhões) de analfabetos e 21,0% (cerca de 40 milhões) de analfabetos funcionais (só sabem assinar o nome). O primeiro passo para a extensão da plena liberdade de expressão de toda a população é a educação. Se um país não dá a possibilidade à grande parte da população (os abaixo da linha de pobreza) para aprender a ler, a escrever, a adquirir conhecimento, a fazer esportes, a aprender formas de arte, se um país não oferece condições mínimas de vida a uma grande massa da população obrigando-a a se preocupar, cotidianamente, apenas com o risco de não ter uma ração alimentar mínima, por falta de dinheiro, está CERCEANDO as possibilidades da liberdade de expressão, que passa a ser privilégio dos bem aquinhoados.”

Estou dizendo com isso que escrevo, antes de tudo, porque fui bem aquinhoadada – estudei e comi. Escrevo porque, com proteína no cérebro, faço parte de uma minoria no planeta – e não é bom esquecer que a literatura que fazemos - portanto - pertence à elite.

“Num país com tanta pobreza e tanto analfabetismo, saber ler é um privilégio, poder comer é um privilégio. Então o que se tem é uma literatura produzida indubitavelmente por membros da elite. E o que acontece nessa situação não é tão fácil, você não está escrevendo uma literatura dos oprimidos, que é poderosa e simples” – palavras de uma escritora da Índia.⁴

Além da questão da classe social e entre outras ramificações, isso nos faz entrar na dos territórios, dos domínios:

“Meu trabalho é escrever sobre Chicago e só posso fazê-lo aqui” – anotou um escritor norte-americano.⁵

E com ele vários outros concordam, de diversas procedências⁶:

“Eu não poderia viver apenas para a felicidade e para o amor, eu não poderia abrir mão da minha escrita... no único lugar onde minha escrita e meu trabalho têm um sentido.”

³ Guilherme Soares Silveira Bueno, Blog do Sem Mídia.

⁴ Arundhati Roy.

⁵ Nelson Algren.

⁶ Simone de Beauvoir, Jorge Luís Borges, Pedro Juan, Gutiérrez.

“Ser argentino é um compromisso que escolhemos livremente.”

“Sou um cubano convicto.”

Não é absurdo tamanha necessidade de localização, de especificidade, de minúcia e de contingência caminhar lado a lado com vastas e arrebatadoras forças misteriosas, complicando ainda mais as explicações com que pudéssemos atinar, como depõe o poeta⁷, nos dois fragmentos abaixo.

“Que o teu gládio me fira mortalmente.
Eu sou de alma dispersa e vagabunda,
Tudo me destrói e cada ser me inunda
E posso assim rolar eternamente.”

*

“Os poetas
Solitários pilares dos céus pesados,
Poetas nus em sangue, ó destroçados
Anunciadores do mundo
Que a presença das coisas devastou.
Gesto de forma em forma vagabundo
Que nunca num destino se acalmou.”

Muitas outras coisas, é claro, se poderia dizer sobre o porquê da escrita. São tantos os fatores, as determinantes. Sem o risco de enumerar uma lista ou garantir certezas, paro por aqui, pois uma coisa eu sei: não é para encher lingüiça que escrevo! Sei?

⁷ Sophia de Mello Breyner Andresen.